



# IDEAL

ORGAN LITTERARIO

ANNO I

Florianopolis, 24 de Junho de 1906.

NUM. 7

## O IDEAL LITTERARIO SEMANAL

### Assignaturas

CAPITAL

Trimestre . . . . . 2\$000

INTERIOR E ESTADOS

Trimestre . . . . . 3\$000

PAGAS ADIANTADAMENTE

REDACÇÃO

Rua 16 de Abril n. 20

Redactor—*Clementino Britto.*  
Secretario—*Godofredo Oliveira.*  
Theouzeiro—*Irineu Livramento.*

Os originaes devem ser entregues até terça-feira de cada semana.

**A redacção não se responsabilisa pelas opiniões emitidas pelos seus collaboradores.**

## APAIXONADO

A JOSÉ FILGUEIRAS

Esbatida pela brilhante luz de um lampião, coando-a em brilhos opalescentes que offuscavam a vista do Juca e lhe rojavam de chofre no coração acre dor só igual a produzida pelas alfinetadas de Satan e apupos dos garotos, permanecia sempre fechada a janella, vendando ás vistas dos transeuntes a mais primorosa dulcinéa da terra: tão bella que si fosse coéva de Murillo, estou certo, elle a tomaria para modelo de uma tela que mais o elevaria no pantheon dos abalisados, e, si envez de agora tivesse viudo ao mundo nos mythologicos tempos, iria para o Olympo e quiçá fizesse obumbrar a belleza de Venus, da linda Venus!

Seu quarto que espiava para um bello jardim, rescendia a juventude, indo essa essencia casar-se com a das flores, formando uma atmospheria tão subtil que o homem absorvia-a em haustos compassados, inebriava-se e fugia; não porque quizesse, mas porque ella era um brando philtro, um amávio suave e o mortal sentia-se liliputiano ante tanta doçura, e envergonhado de viciar o ambiente, fugia para não mais voltar...

Entretanto o Juca queria, custasse o que custasse, sepultar-se naquelle turbilhão de delicias; queria morrer d'amores; queria ser um cadaver de paixão!

Mas, não conseguiria, pois, apenas fitara de relance a naiade que possuia aquelle paraíso e alli estava a fatal janella a oppor uma barreira aos seus desejos.

Porém, si a sorte lhe fosse propicia e pegando-o pelo appendice que exorna o rosto e a que o vulgo erroneamente chama orelha, si a sorte, diziamos, lhe proporcionasse ensejo de ir falar com a dulcinéa, então... então... o que faria?

Ficou a pensar. Faria...faria um papel triste porque aos anjos só podem dirigir a palavra os anjes e elle não o era, antes pelo contrario; no entanto queria ser familiar

da diva. Talvez a inspiração lhe fizesse sahir bem, talvez...

E todas as noites lá estava elle a contemplar a janella que, coando a luz do lampião, reflectia-a na branca caiadura da parede do visinho alli da frente.

Domingo desabrochara corado como as faces sadias de uma aldeã.

Bimbalhavam os sinos da igreja chamando os fieis a missa.

O Juca (digamos de passagem) era como eu devoto e não perdia occasião de rezar as suas orações; por isso, ouvindo o monotono bhin-dhin-bhin, como em bello soneto diz o mavioso poeta Araujo Figueiredo, encaderou-se com o facto de ver á Deus e á Maria e lá se foi digerindo o almoço e expectorando umas iguarias que não se tinham aclimatado em seu estomago.

Chegado á igreja fez a sua aspensão de agua benta e genuflexo começou a resar.

Eis, porém, que uma nuvem lhe tolda a vista; julgou-se cego, mas o não estava de facto:—era a diva de seus sonhos que entrara radiante de formosura, pisando tão de leve na tapeçaria que mal se ouvia o tic-tac do salto de seu sapatinho *gris-perle, art-nouveaux*...

Iria fital-a agora socegedamente; iria, extasiado, contemplar todo aquelle acervo de formosura d'alli d'onde estava e duvidava que alguem lhe roubasse aquelles doces momentos que o equiparava a ao mais feliz dos mortaes, ao mais invejavel dos homens!

Si era peccado Deus lh'o relevasse, mas uma cousa extranha, forte como um cyclone, fazia-o concentrar toda a attenção naquella bella filha de Eva. E como petrificado, ficou alli a devorar com os olhos a rara belleza da diva, antegosando o delicioso momento de vel-a altiva sahir do templo de Deus em demanda do outro em que vivia, passando por perto d'elle e envolvendo-o no aroma que trescalava.

Mas, a diva, envez de sahir pela porta em que o Juca estava, esgueirou-se pela do lado opposto, tomando um *coupé* que a conduziu a casa que traz constantemente a janella fechada e que coa a luz do lampião em opalescentes brilhos, fazendo-a reflectir na lactea parede do visinho de defronte.....

XISTO XIMENES

## Amor!

A LEBOL

Vens, caro Lebol, em teu longo artigo com a epigraphe AMOR contrariar a minha opinião e a de muitos outros que só se soffre quando se ama e não se é correspondido.

Dizes que *amar é soffrer* e para provar a tua asserção contas uma bella historia que se passou contigo, pois, permite que te diga que o que escreveste foi uma phantasia e que foste bem feliz em descrevel-a, porem eu continuo afirmar que amar «é ter o coração replecto de alegrias infundas, amar é venturas.»

Eu amo, caro Lebol, e não soffro mas se a mulher quem amo, quem idolatro, não cor-

respondesse a esse affecto posso garantir-te que soffria e soffria muito.

E' bem verdade que todo homem tem esse outro amor que tu tão bem o cantaste, a Dignidade, a Altivez.

Sim, tudo isso é verdade, tudo isso é muito bonito, porém nada vale ante o Amor esse disyllabo mysterioso que se enraisa em nossos corações.

Tu, caro Lebol, permite ainda a minha franqueza, nunca amaste e como pensas que amar é soffrer, idealisaste um amor vehemente e não correspondido só para contrariar aquelles que pensam como eu.

O amor não correspondido faz soffrer e soffrer muito, dizes que a Altivez faz com que se esqueça a mulher que nos trata com indifferentismo e que a olhemos com desprezo, mas o que é tudo isto senão soffrimentos.

Quem pode esquecer ou desprezar a mulher amada? Ninguém.

Caro Lebol, confessa que estaes em erro.  
CLETO BARRETO

## Morena

A' MINHA ELEITA

Morena linda  
Dos meus amores,  
Tu tens das rosas  
Gratos odores.

Morena linda  
Dos meus sonhos,  
Tu tens da fonte  
Os nenuphares.

Morena linda  
Dos meus idylios,  
Tu tens do prado  
A côr dos lyrios.

Morena linda  
Dos meus affectos,  
Tu tens do céu  
Os dialectos.

Florianopolis, —7—6—09.

## AO LUAR

Que bella noite, que luar sereno,  
que doce encanto para o trovador!  
Lá vem surgindo por detraz do morro  
placida a Lua que sorri de amor.

Que lindo quadro, que propicia hora,  
que meigo instante para se gosar!  
Saudando a terra, lá do Firmamento,  
a casta Lua, vem beijar o mar.

E' nesta hora que o tropeiro rude  
procura um moxo, para descansar.  
E na viola, em estribilhos ternos  
as suas maguas, vai então cantar.

Contemplo e vejo ao luar sereno,  
o scintillar da orvalhada flor.  
N'ella ante vejo, com prazer infundo,  
o meu futuro, a me sorrir, de amor.

NERINA

## ALAYDE

AO PREZADO AMIGO FRANCISCO B.  
DA SILVEIRA (LAGUNA)

Alayde, minha flor,  
Anda cá, esenta, sim?  
Vem depressa meu amor,  
Vem sentar-te junto a mim.

Ouve agora com attenção,  
Vou dizer-te o que é verdade:  
Já por ti sinto paixão,  
Mas tu tens tão pouca idade...

Tu és bella, eu bem conheço,  
E's da infancia um ornamento,  
Cá p'ra mim tens muito apreço,  
Não te olvido um só momento.

Quando sabes sempre a passeio  
Com teu porte interessante,  
Todos dizem sem receio:  
D'esta terra é a mais galante.

E's pequena e graciosa,  
De teus paes muito querida,  
E's a joia preciosa  
Que elles guardam aqui na vida.

Mas eu hei por bem roubar-te  
Sem que elles possam ver,  
E serei teu baluarte  
Com orgulho e mui prazer.

G. DE BRUXELLAS

Florianopolis, — 19—6—906.

## MOCIDADE!

AO JOVEN ALCIDES MARQUES DA SILVA  
Vinte annos de vida, que bella ida-  
de!

O coração palpita acceleradamente  
de amor; no cerebro levantam-se gi-  
gantescos castellos; o organismo está  
em pleno desenvolvimento; e um echo  
intimo diz: que effectivamente são for-  
tes, aquelles que contam vinte annos;  
é a mocidade que chega em toda a  
plenitude.

Na verdade é a primavera da vida;  
tudo sorri agradavelmente, o céu é  
mais azul, os prados e os bosques es-  
tão continuamente verdejantes, ao  
longe ouve-se o mormurar constante  
da cascata, e a brisa soprando man-  
sammente pela folhagem secca do ar-  
voredo, parece que diz: amor, vida,  
mocidade.

Tudo isso é bello, nobre, verdadei-  
ramente grandioso!

São os designios adoptados pela na-  
tureza!

Mas, quantas difficuldades não ex-  
perimenta-se no decorrer d'esse tem-  
po! Quantas, ai! quantas!

Muitas vezes sem ter um braço pro-  
tector que o auxiliasse a resolver es-  
te grande e mysterioso problema que  
se chama—VIDA.

E então melancolicamente seisma-  
dor, lança um olhar prescrutador ao  
passado, e desliza-se nos labios um  
sorriso, que é a expressão de uma al-  
ma que se julga triumphante das gran-  
des luctas pela existencia.

Dão-se principio as evoluções do  
pensamento, architectam-se as mais  
bellas maravilhas, e a noite quando  
a lormecido, começam então os sonhos

phantasticos a povoar-lhe a mente,  
perturbando-lhe o somno!

E' uma nova lucta que lhe era até  
então inteiramente desconhecida, que  
vai travar-se, forte, titanica, sem des-  
canço, contra este grande e irreconci-  
liavel inimigo que se chama—MUNDO.

E' este poderoso adversario que  
principia accenar-lhe com festividades,  
grandezas, e sensualidades; é a mais  
critica situação da existencia!

Mocidade! não aceiteis o convite  
que vos faz este miseravel inimigo, el-  
le só vos chama para atirar-vos no la-  
maçal do vicio!

Mocidade, enveredai para outra es-  
trada verdadeiramente divina, a onde  
o ambiente é embalsamado pelo per-  
fume que exalam as flores que a alenti-  
fam, e ao fundo destacareis um nicho  
de brancos lyrios, aonde ostenta-se em  
toda a sua pureza a imagem sacrosan-  
ta da VIRTUDE.

LEBOL

## Não ha mais festa do E. S. ?!

Disse A F, no dia quinze,  
(O que me causou espanto),  
Que a festa do Esp'rito Sancto  
Permittida mais não é!  
Mas o Bispo a não prohibe;  
Sómente abusos cohibe.  
Que se é esta d'A F?

Da irmandade o compromisso  
Manda fazer barraquinhas,  
Para nestas as mocinhas,  
Em barcos bem repimpadas,  
Receberem dos amantes  
Massas e cousas galantes,  
No leilão arrematadas?!

A Cesar o que é de Cesar,  
A Deus o que é de Deus;  
Como disseram Matheus,  
Marcos, Lucas e João.  
Não deve ser mixturado  
Com o profano o sagrado:  
Logo, o Bispo tem razão.

Si os irmãos do Esp'rito Sancto  
Não querem obedecer,  
Sabem o que hão de fazer?  
Ponham-se fóra da igreja;  
Dissolvam essa irmandade  
Criem uma sociedade  
De namoro e de cerveja.

N. TOLENTINO

## SCENAS DA ROÇA

I

O Vicente, era um d'esses rapazes  
que, nas aldeias, são tidos como ver-  
dadeiros *satellites*.

E não era para menos, pois que  
elle tinha uma educação esmerada,  
no entender do povo da localidade.

Tocava viola como nenhum outro,  
cantava bem, era inegalavel n'um  
*fandango*, unico no *sarrabalho*, dan-  
sava perfeitamente a *chamarita*, em-  
fim, o Vicente era mesmo bom.

A' noite, na venda do Zéca da *sinha  
Chica*, antes de darem principio a *biscoa*,  
elle lia os jornaes em que eram em-  
brullhadas as mercadorias do vendei-  
ro.

Tinha, pois, firmada a sua reputa-  
ção e, na aldeia, todos o apontavam  
como um verdadeiro genio!

Um dia, em que o Zéca veio á ci-  
dade fazer sortimento, comprou um  
jornal em que, segundo ouvira, vinha  
a descripção de um sanguinolento en-  
contro entre as nossas forças e as do  
dictador Solano Lopez, pois que o Vi-  
cente e a venda do Zéca, existiram  
no tempo em que sustentámos a guer-  
ra contra o Paraguay.

Chegado á casa, o Zéca fez circu-  
lar em toda aldeia a noticia de que,  
n'aquella noite, em sua venda, o Vi-  
cente leria um jornal em que vinham  
as mais recentes noticias da guerra.

A' hora aprazada, a venda estava li-  
teralmente cheia;—uns na esperanza de  
saberem alguma cousa do filho ou ir-  
mão que, no campo da lucta, batia-  
se pela Patria, outros levados por  
simples curiosidade, e todos anciosos,  
aguardavam a chegada do Vicente.

Faziam-se mil conjecturas sobre a  
demora. Um grupo dos mais impa-  
cientes já se preparava para ir ao seu  
encontro quando elle assomou á por-  
ta. Todos o cumprimentaram e lhe fi-  
zeram sentir a anciedade em que es-  
tavam.

O Zéca entregou-lhe o jornal, col-  
locou a garrafa que servia de castiçal  
a uma *vela da terra* em cima do ve-  
lho baleão, e o Vicente deu começo a  
tarefa.

Depois de ler os pormenores do  
combate, passou á parte em que vi-  
nha os nomes dos que n'elle perece-  
ram.

Dos olhos de um velhinho que des-  
de o começo da leitura permanecera  
silencioso, correm copiosas lagrimas: o  
Vicente pronunciara o nome de um  
seu filho que, solícito, acudira ao grito  
da Patria!

Essa parte da leitura era de vez  
em quando, interrompida: um pedia  
que visse si o nome do *Tonico* do tio  
João do morro estava ali, outro pedia  
que procurasse o nome do *Quinca* do  
seu escrivão, etc...

Terminada a leitura, o Vicente re-  
unio o total dos mortos, segundo cada  
jornal, e muito compungido exclamou:  
— Já perdemos na guerra um con-  
to, duzentos e cincoenta patrios!

PRAXEDES GRAÇA

## CATITA

A' G. B.

Catita era uma elegante menina; es-  
belta e delicada como um mimoso bou-  
quet de perfumosas violetas; seus olhos  
eram grandes, brilhantes e fascina-  
dores como o resplendor maravilhoso de  
uma manhã formosa e bella de pri-  
mavera. . . . .

O seu mimoso e gentil corposinho era primorosamente elegante e bem formado! E o seu andarsinho?!... Ah! quando ella passava tocando subtilmente com seus delicados pesinhos sobre o solo, parecia um anjo de inexpugnável atractivo... Contava, então, Catita, oito annos.

Engraçadinha e curiosa, como são quasi todas as meninas de sua idade, Catita, teve um dia, idealisada pelas recordações dos seus sonhos juvenis, a ingenua imaginação de plantar, n'um cantinho do modesto e inebriante jardim que embellesava a frontaria da sua espaçosa habitação, uma roseira onde pudesse fervorosa depositar diariamente os castos affectos de seu pequenino e innocente coração.

E assim aconteceu sem haver cousa alguma que a impossibilitasse de levar a effeito a sua venturosa idéa...

No mesmo dia, Catita, sahio alegre e sorridente ao mimoso jardim e sem sentir trepidação alguma, furta vagarosamente de uma roseira antiga, muito antiga e já semi-morta, um rebento que habilmente plantou-o no lugar anhelado...

Constantemente a gentil menina ao despertar sahia alegre e cantarolando ia ver a sua nova plantinha que crescia dia a dia, admiravelmente!

Alguns annos se passaram e Catita, que agora principiava a vagar nos doces sonhos do amor, das chiméras e das esperanças, não mais se lembrou nem se importou com seu mimo predilecto de outr'ora, onde depositara os affectos infantis da aurora dulcificante e bella de sua vida...

Mas... em uma manhã primaveril, Catita passeiando em derredor das bellas e perfumosas flores que ornaram deleitavelmente o seu odorifero jardim, sucando talvez o nectar de suas petalas, qual meiga e travessa borboleta, eis que deparou-se-lhe uma bella roseira que se ostentava florida, em um cantinho, afastada de suas companheiras.

Olhou-a e ao contemplal-a uma recordação feliz fez-lhe brotar um sorriso nos labios...

Dir-se-ia que a roseira percebeu no donairoso sorriso de Catita, a sua amiguinha de outr'ora, um fingimento, uma ingratidão tal, que, deveria ser assim tambem retribuida, pois a rosa que ella collocava no peito, não tinha o perfume nem a belleza das outras flores.

Florianopolis, -20-6-906. NIVA

**ELLA!...**

A. E. F. O.

Pela immensidade azulada do oceano, de vaga em vaga, fluctua o batêl dourado que supporta em seu seio, a branca fada de meus sonhos apaixonados. E' branca, branca como

o casto lyrio que se desabrocha, solitario, a margem de um regato chystalino.

Seus cabellos, tem a côr igual á dos raios do sol no occaso derradeiro; sua bocca delicada encerra o perfume suave e agreste das rosas da primavera. Sua voz é dôce e harmoniosa, como o canto melancolico do sabiá, em tardes serenas de verão.

Ella é a esperança da minha vida, é a alegria de minha alma, é o pharol que me allumia a existencia. Magica idealisação, que me inspira com teus sorrisos expressivos, que me estonteias o pensamento com teus olhares languidos e amorosos. Tuas fallas são para mim hymnos, hymnos de uma harmonia celestial; ellas têm a poesia que encanta, e o sômo que me arrebatava.

Quando passas, teu olhar elegante, assemelha-se a garça, quando solitaria, campeia pelas verdejantes margens d'algun regato tranquillo.

Elle traduz a magestade que te reveste; a corôa angelical que te singe a fronte bella e innocente: corôa de graça e de belleza. E's rainha, impunhas o septro do amor e reinas sobre o meu coração apaixonado.

SILVERIO MORENO

Maio de 1906.

## FLOR

AO AMIGO ANTONIO VIEIRA

E's o o diadema com que a natureza enfeita os seus mais bellos jardins chamados: Primavera.

E's o adorno com que as mais bellas virgens coroam as suas castas fronte e os seus palpitantes côllos.

E's das creações a mais sublime e que provam as qualidades excepcionaes do artista mestre que chama-se Deus.

E's a mais mimosa dentre as mais mimosas, a mais delicada dentre as mais delicadas e a mais perfumada dentre as mais perfumadas creações da natureza.

E's o resultado da junção de tudo quanto é sublime, bello, magestoso e perfumado. Foste creada para a humanidade copiar de ti a formosura.

E's enfim oh! Flor, o symbolo mais representativo e patente das mais bellas ornamentações com que Deus dotou este nosso planeta que se chama Terra.

NEXO

## O SONHO!

A' E. B.

Era uma tarde de verão.

O sol começava a desaparecer no horizonte e ainda se viam resplandecer os seus raios luminosos no alto da montanha.

O céu estava bello; as flores exhalavam os seus perfumes inebriantes; os passarinhos procuravam os seus fofôs ninhos saudando a formosa tarde.

O mar com suas ondas esverdeadas beijava a praia deserta... Depois de ter apreciado todas essas grandezas da Natureza, e proseguindo no mesmo caminho como se tivesse atravessado um lindo jardim onde se ostentassem as mais lindas flores, deparou-se-me uma mulher que era uma deusa de formosura!

Então curvando-me aos pés d'essa imagem divina, disse para mim! Até que afinal achei o ente mais formoso de meus sonhos dourados e senti o coração banhar-se n'uma onda de felicidade.

PROTHENOR PIRES

Florianopolis, -17-6-1906.

## AVE-MARIA!...

Quando a tarde vae morrendo  
Ao triste cair do dia,  
Os sinos com voz dolente,  
Dobrando pausadamente,  
Só dizem:—Ave-Maria!...

Quando a tarde vae morrendo  
Ao triste cair do dia,  
A trinar as debeis aves,  
Em bellas canções suaves,  
Só dizem:—Ave-Maria!...

Quando a tarde vae morrendo  
Ao triste cair do dia...  
Os anjos n'esse momento,  
Do azul do Firmamento,  
Só dizem:—Ave-Maria!...

Quando a tarde vae morrendo  
Ao triste cair do dia,  
As virgens immaculadas,  
Pelas paixões abrazadas,  
Só dizem:—Ave-Maria!...

Quando a tarde vae morrendo  
Ao triste cair do dia,  
Mães, chorando o filho amado,  
Querido e idolatrado,  
Só dizem:—Ave-Maria!...

Quando a tarde vae morrendo  
Ao triste cair do dia,  
Viúvas desventuradas,  
Chorando resignadas,  
Só dizem:—Ave-Maria!...

Quando a tarde vae morrendo  
Ao triste cair do dia,  
Os orphansinhos, coitados,  
Pela sorte condemnados,  
Só dizem:—Ave-Maria!...

Quando a tarde vae morrendo  
Ao triste cair do dia,  
Mendigos sem ter guarida,  
Que supportam fêra vida,  
Só dizem:—Ave-Maria!...

Quando a tarde vae morrendo  
Ao triste cair do dia,  
Heróes no afan dos combates,  
Bem longe de seus penates,  
Só dizem:—Ave-Maria!...

Quando a tarde vae morrendo  
Ao triste cair do dia,  
Pobres nautas no oceano,  
Do mundo no desengano,  
Só dizem:—Ave-Maria!...

Quando a tarde vae morrendo  
Ao triste cair do dia,  
Poetas tangendo a lyra,  
Cuja voz, treme, suspira,  
Só dizem:—Ave-Maria!...

DEOLINDO NATIVIDADE  
Florianopolis—Junho—1906.

EPITAPHIO



Aquí jaz André Laporte,  
Foi sovina, e dos maiores;  
Preferiu a negra morte  
A pagar aos seus creadores.

G. de Bruxellas

CORRESPONDENCIA

P. GRAÇA.—Encetamos, hoje, a publicação do seu conto *Scenas da Roça* que, suppomos, bastante agradará os nossos amaveis leitores.

D. N.—Conforme promettemos, publicamos, retocada, no presente numero, a sua *Ave-Maria!*...

SECÇÃO CHARADISTICA

(CONCURSO DE JUNHO)  
Charadas novissimas

O rei na musica é signo musical—  
2, 1.

Jacy

A extremidade do bonet é arma—  
1, 1.

Celia

A planta é pessima planta—2, 1.

A' CELIA

Governador amplo faz bom governo—2, 2.

Galba

Ao GALBA (em retribuição)  
O vaso tem nome de medida—2, 1.

Galba

Andiro

Ao NEOPHYTO  
E' bem igual a descripção, é um  
fac-simile—2, 3.

G. de Bruxellas

Ao JÁO  
Os filhos de caboclo tem razão de  
andar em bando—2, 1.

Apollo

Ao CLETO BARRETO  
Interjeicção n'um livro, produz zanga—2, 2.

Ao ANDIRO  
Procura o homem—2—e vê se elle  
conhece o pronome indeclinavel—2— e  
eis o homunculo.

Dr. Arrelia

No matagal da estrada encontrei  
este toucaço—3, 2.

Adnon

Ao AMIGO OIRAD  
Uma, duas e mais um, é villa de  
S. Paulo—1, 1, 1.  
Duas, tres e mais uma, está resgata-  
do—1, 1, 1.

Dr. Coimbra (Laguna)

No Arlindo via-se a afflicção de  
uma sensação acre—1, 1.  
Um homem que foi rei de Judá—  
1, 1.

Assis

Alcon

O rei e a deusa comeram o peixe  
—2, 1.

Andiro

(APHEREZADAS)

2—Este ovo tem um numero—1.

K. Vi

3—A mulher está no cubiculo—2.

G. de Bruxellas

3—Com esta arma matei o manife-  
ro—2.

Jão

(APOCOPADA)

3—A serpente da Guiana é cidade  
européa—2.

Jacy

(AUXILIARES)

Vão—concavidade  
Vão—insecto  
Loxera—insecto  
Mão—lagoa  
Ra—machina  
Insecto.

Celia

Ao DANTE

Mão—carreta  
Phão—tubo  
Cão—noticia  
Blé—general  
Vão—planta  
Rão—cora'oso  
Mulher.

Galba

Enigma

Qual o nome de mulher que é bebi-  
da venenosa?

Adnon

Logogriphos

Ao APOLLO

Peixe 3,7,5,9,2,1  
Peixe 3,1,6,1,5,1,4  
Peixe 3,1,6,5,1  
Peixe 5,7,6,3,1  
Peixe 5,1,6,4  
Peixe 8,10,4,8,1  
Peixe 3,6,4,8,1  
Peixe 3,7,8,9  
Peixe.

Jão

Ao CLEMENTINO BRITTO

Lá do mar a agitação 8,2,6,7,4,2  
Vinha ter de encontro a praia 8,2,6,7  
Quando um subito clarão  
Lá no céu fez linda raia.

Fiquei tonto, extasiado, 4,6,7,8,7,3,4,7  
De Maria vi a imagem, 1,5,3,4,5  
Mas após tudo acabado  
P'ra cidade fiz viagem.

G. de Bruxellas

Ao BRITTO

Este individuo sagrado, 5,6,7,8,9,2  
Atravessava a montanha, 4,8,6,9,10  
A procura de conforto; 1,10,3,3,2,9,2  
Para sua dôr tamanha.

CONCEITO

Vos dou aqui o conceito;  
N'aquelle monte formoso,  
Vês soffrer com paciencia  
Um coração, *pesaroso*.

Andiro

Decifrações

Decifrações do n. 6: Tipiti, Gladiolo,  
Pelago, Reparo, Chusma, Cotó-cotó,  
Mari-mari, Garnacha, Sapu, Infante-  
ria, Apuro, Metara, Forata-rata, Qua-  
resma, Paca-pa, Cajado-cado, Oropen-  
dula, Honorina Souza, Semiramis, Her-  
mengarda, Tamiz, Horacio Nunes Pi-  
res, Trinca-nozes, Póto-póto, Sama-  
ma e Ajurujura.

Decifram: Celia, G. de Bruxellas,  
Adnon, Jão e Leonel, 26 cada um.

Neophyto

GABINETE TYPOGRAPHICO  
NATIVIDADE

48—RUA SALDANHA MARINHO—84